





EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

TROYAS

DE

Luiz Antonio Tosi da Silva Rebelo.

NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

el C. O. D.

RIO DE JANEIRO.

Typo de N. LOBO VIANNA & FILHOS, rua d' Ajuda n. 79

—
1855

A. Alberto de Oliveira

Lembrança do

Pedra Verde

Rev. 29 - K. 919.

TROYAS

No Exmo. Amizte Sr. Melho Moraes
Rembranca do DE ~~seu~~ administrador

Vie MEMIV x

Quartel de Aquitania

Laurindo José da Silva Rabello,

NATURAL DO RIO DE JANEIRO.

J. A. A. Souza



Bredes 1864

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE N. LOBO VIANNA E FILHOS,
rua d'Ajuda n. 79.

—
1855

A' QUEM LER.



Huma collecção de trovas em grande parte já publicadas, é o que contém este pequeno volume.

Queríamos, e podíamos fazel-o maior; mas á face das despezas da imprensa, e da grande difficuldade que deveríamos ter em alcançar assignaturas, baldo como somos de um nome conhecido, julgamos mais prudente deixal-o ir assim.

O titulo que lhe damos, claro deixa que o não fazemos publicar com pretensões a louvores; sabemos que é talvez dos peiores em seu genero: porém, á ver si alguma cousa melhor para o futuro apresentaremos, pedimos ao leitor illustrado, que o leia com severa imparcialidade, e particularmente, ou pela imprensa, não nos faça obsequios em critica, pois preferimos uma censura que nos illustre, a elogios que nos doirem os erros.

meu mestre e verdadeiro amigo

O SENHOR

DR. SALUSTIANNO FERREIRA SOUTO.



Offereço-vos este mesquinho trabalho, que por muito imperfecto, é certamente bem pouco digno de vós.

Ordenastes que tal não fizesse; mas não vos pude obedecer. Perdoai-me: o respeito, que vos consagro, é bem profundo; mas contra elle combateram a amizade e a gratidão: são dous agentes cada qual mais forte; o respeito era um só, a maioria venceu. O que houve em tudo isso? — Um jogo mecano de sentimentos, segundo o qual obrei sem consciencia de acção. Bem mereço por-

*tanto o perdão, que vos peço ; e certo de que
me não será negado pela vossa bondade ,
desde já uso d'elle, como de mais um motivo
para confessar-me*

**O mais respectuoso dos vossos discipulos,
e dos vossos amigos o mais obrigado**

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO.

O QUE SÃO MEUS VERSOS.



Si é vate, quem accêsa a fantasia
Tem de divina luz na chamma eterna ;
Si é vate, quem do mundo o movimento
C'o movimento das canções governa ;

Si é vate, quem tem n'alma sempre abertas
Doces limpidas fontes de ternura,
Veladas por amor, onde se miram
As faces de querida formosura ;

Si é vate, quem dos povos, quando falla,
As paixões vivifica, excita o pasmo,
E da gloria recebe sobre a arêna
As palmas, que lhe off'rece o enthusiasmo ;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto ;
Que, de tanto gemer desfallecido,
Nem sequer movo os echos com meu canto !

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenenadas fontes d'agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o Céu confia !

Eu triste, que dos homens despresado,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça
Só espero a corôa do martyrio !

Vate não sou, mortaes ; bem o conheço ;
Meus versos pela dôr só inspirados, —
Nem são versos — menti — são ais sentidos,
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados ;

São fel, que o coração verte em golfadas
Por continuas angustias comprimido ;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horisonte da vida o sol querido ;

São annéis da cadêa, q'arrojou-me
Aos pulsos a desgraça, ímpia, sanhuda ;
São gôtas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Sêcca de fé, minha alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludibrio do vento, as sêccas folhas
Sólta á êsmo no ar planta mirrada.

O MEU SEGREDO.



L.

O lume de sinistro fogo estranho
 Que em meu olhar se accende ;
A nuvem que de magoas carregada
 No rosto se me estende ;

Esta agonia acerba que repassa
 Os sons da minha lyra ;
Este sceptico altivo horror ao mundo
 Que em tudo meu respira ;

Estas rugas, que trago sobre as faces,
 Os modos distrahidos,
A constante desordem do semblante,
 Dos gestos, dos vestidos ;

Revela tudo um segredo,
 Que o mundo não sabe ler ;
Segredo que só com pranto
 E' que se pôde escrever ;

Segredo, que em meu futuro :
Negro anathema cuspiu ;
Segredo, que seduziu-me ;
Segredo que me trahiu.

Letras escriptas com pranto
Sei que apagadas serão !
Sei que um segredo de magoas
Nunca merece attenção !

Mas não importa ; hoje quero
O meu segredo escrever ;
Que guardado por mais tempo
Talvez me faça morrer.

II.

Mandado do inferno
Por impio destino,
Um genio mali'no
No berço me viu —
E apos um instante
Haver-me encarado
Com gesto irritado,
O Genio — o meu fado
Traçando, sorriu,

Sorriu-se... e mudados
No mesmo momento
Que o Genio cruento,

Cruento me viu,
Em negra tristeza,
Meus gostos findaram ;
Meus labios murcharam ;
Meus ais começaram ;
Meu pranto cahiu.

No peito inda verde
Seccou-se a ventura
D'aquella fé pura
Que a infancia nos dá ;
No espelho onde via
Em extasi santo
Os risos, o encanto,
De um mundo, que ha tanto
Não sei onde está.

Em dita tão pura
Minh'alma exultava,
E quando alcançava
Sabia explicar ;
Que além de dar crença
A tudo que ouvia,
Por certa magia,
As cousas que via,
Sentia fallar.

Si ás vezes tentava
Brincar com as flôres,

Revedo os labores
De um vasto jardim,
A brisa me dava,
No transitto leve,
Um cantico breve
Escripto na neve
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta
Nas azas de ouro
Immenso thesouro
Deixava-me ver ;
E, qual um avaro,
Sedento, inquieto,
Com ardido affecto
Atraz do insecto
Me punha a correr.

Qual boca de nympha
A pouco desperta,
Si rosa entre-aberta
Prendia louçã,
Segredos da infancia
A flôr me contava,
Q'ue só escutava,
E, rindo, exclamava : —
Tu és minha irmã !...

A' vista do oceano,
Immenso, ruidoso,

Que quadro assombroso
Fez meu ideal !...
Em extasi longo
Vi n'elle espantado,
Rugindo deitado
Um monstro asulado
D'enorme *crystal*.

Em crua e constante,
Horrisona guerra,
In'migo da terra
Pintou-se-me o mar —
Que fero c'oas ondas
Na praia batia,
E afflicto bramia,
Porque não podia
A praia arredar.

Na concha celeste
Si os olhos fitava,
Lá novos achava
Encantos tambem ;
Nos astros eu via
De anjinhos um bando,
Que, o corpo occultando,
Me estavam olhando
De um mundo de além.

Eu via na lua
A casa encantada,

De luz prateada
Fulgindo no ar ;
Asylo sómente
Da fada querida,
Que vinha escondida
A gente nascida
De noite embalar.

O sol eu amava
Da tarde na hora ;
Amava-o d'aurora
No fresco arrebol .
E quando a taes horas
No mar se escondia,
P'ra elle me ria,
Julgando que via
Adeuses do sol.

III.

Mas esse tempo de encantos
Que nunca julguei ter fim,
Não é hoje para mim
Mais que morta e secca flor !...
Do Genio máo completou-se
A primeira prophécia :
Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

A natureza calou-se
Desde que o Genio me viu ;
Minha alma inteira sentiu
Repentina mutação,
Dei por mim em terra estranha ;
Tive novos pensamentos ;
Tive novos sentimentos ;
Criei novo coração.

Visão do Céu... não — da terra ;
Não podia ser do Céu ;
Que Deus no domínio seu
Falsos archanjos não quer ;
Visão, que da natureza
Toda a graça revestia,
Por desdita vi um dia
N'um semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,
Que, ao ve-la, absorto fiquei ;
Tanto, que não escutei
O profundo sôluçar
Da innocencia, que, sentindo
Da paixão a ardente calma,
Abraçada com minha'alma
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei ;
Mas achei nessa loucura

Tanto bem — tanta ventura,
Quaes nunca a rasão me deu ;
Que si a rasão da verdade
Tem os claros resplandores, —
Amor o reino das flôres
Tem todo inteiro por seu.

E á esta senda estrepada,
Que á morte os seres conduz,
O que lhe importa uma luz,
Si a não tapisa uma flôr ?
E si amor, além de flôres,
Tambem possue um clarão,
Antes amor sem razão,
Do que rasão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos
Da minha feliz loucura !...
Libei o fel da amargura
No mel de um beijo traídor !...
Do Genio máu completou-se
A segunda prophecia :
Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

D'essa profunda chaga resta ainda
Dorida cicatriz : a mão do tempo
Talvez cure-a por fim; mas não tão cedo ;
Que inda verte de si putrido sangue,

Si a magôão crueis reminiscencias
De quadra tão feliz.

IV.

Outro fantasma, a gloria,
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança
Ao batel do desejo abrindo as vélas
Minh'alma foi busca-lo.

De pintor bem fallaz condão tem elle
Muito para temer ; do entusiasmo
Nas lavas do vulcão accende o facho,
Que os desenhos lhe aclara : esposa amante,
Da-lhe, a imaginação, seus cofres todos,
D'onde tira as estampas que copia
Nas telas do futuro. De seus quadros
Na belleza enlevada a viajante
Navega sem sentir.

Eis ponto negro
No asulado horizonte surge, e estende
Asas de tempestade ! A's vistas magas
Reposteiro de ferro mão ignota
Rapido corre, e presto em lastro immenso
De aguçados cachopos se convertem
As aniladas ondas. Rola o lenho
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,
Enrolados na vela espedaçada,

O sôpro de um tufão some nos ares !..
Rompendo a cerração espectro em osso
De repente apparece, sacudindo
Na dextra uma mortalha : involto n'ella
Desceu meu Pai á campa !...

Musa, basta....

Parece-se um pouco aqui ; nas tuas asas,
Que não n'este papel, corra meu pranto...
Apara-o, anjo meu ; depois os mares
Traspõe... o lar dos mortos não te assusta —
Não é assim ? Pois bem, irmã querida,
Na terra — nossa mãe — suspende os vôos;
Busca a sombria região dos tumulos,
E lá, depois de um beijo dar na campa
De nosso amado Pai, depõe sobre ella
Este pranto que verto.

Em fim bonança

Impia resplandeceu sobre os destroços
Que fez o vendavel. Unico vivo,
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os
E ri-me... e n'este riso agonisou-me
A ultima esperanza... foi a synthese
De minha vida inteira ; — estreita fresca,
Por onde, desmaiaJa e quasi morta,
Minh'alma um raio morno
De prazer sepulchral mandava ao mundo,

E o Genio, que viu meu berço,
D'entre os cachopos surgiu,
E olhando os estragos, riu
Contente de minha dôr.

Do Genio estava completa
Toda inteira a prophesia :
Era o que o Genio dizia
No seu rizo mofador.

V.

E d'esde então existo, mas não vivo ;
Só tenho sentimento
N'esse élo fatal por onde a vida
Se prende ao soffrimento.

Vi na infancia relampago affogado
Em negra escuridão ;
De amor nas breves ditas vil mentira,
Na gloria uma illusão.

Eis porque, dos prazeres desquitado,
O rosto em pranto inundo ;
Tudo odeio, e pareço desposado
Com seres d'outro mundo.

E na verdade o estou : pena minh'alma
Nas sombras da amargura..
Homens ! fugi de mim ; não vos pertenco —
Sou outra creatura.

O GENIO E A MORTE.



I.

Sobre as azas de fogo
Da aguilha ardente que no espaço vòã,
Saudado pelo cantico das aves,
De flôres perfumado,
Entre nuvens de purpura — risonho
Nos céos assoma o dia.
O exercito dos astros afugentão
Seus coruscantes raios ;
E passeia garboso pelo espaço,
Como triumphador pela campina,
D'onde expulsara as hostes inimigas.
Lá do meio da arena do triumpho,
Como um olho de Deos devassa o mundo :
As plantas que a manhã de vida enchêra,
Com seu intenso ardor, barbaro cresta —
Qual joven indiscreto, em loucos dias
De volcanica idade,
No coração desseca, mata, extingue
Sentimentos, que a infancia alimentar.

Da gloria ao gráo supremo
Subiste, ó rei ; humilha-te — vassallo
Tambem és do Senhor — descer te cumpre.
Eil-o que abdicou — Já vai tardio
Pela estrada do occaso, e já tristonha
Lhe escorre pelo rosto a luz enferma !
Sobre leito de chumbo se reclina, —
E, no momento extremo ,
Seus olhos chammejantes
Extremo olhar saudoso á terra volvem.
Ultimo arranco !..... Cai desfallecido
Nos braços do crepusculo,
Morreu o dia ; — e a noite piedosa
Em seu manto de dó lhe envolve o tumulo.

II.

Que é feito, ó Primavera,
Das frescas odoríferas grinaldas
Que a fronte te adornavam ?
Murchas caíram ; jazem esmagadas
Aos pés de gelo do caduco Inverno!
Os pomos sazoados,
Que pendiam das arvores frondosas,
Orgulho e pompa dos alegres prados,
Eil-os dispersos pelo chão molhado
Do pranto que em tristeza o céu derrama,
Ao vêr-lhe a fronte merencoria e pallida,
Debruçada do cume das montanhas,

Com lagrimas saudar do sol os raios,
Qual misero vivente, a quem torturam

As galas da alegria.

Beijada pelos zephyros — c'roada
De viçosas capellas, — pelos bosques,
Jardins, e prados, e alcantis dos montes,
Eu a vi passeiar ; — vi toda a terra
De flores se cobrir, trajar verduras,

Ao toque de seus passos ;

Vi... mas mudou-se da estação ridente
O quadro encantador — e já bramidos
Dos desatados temporaes proclamam —
Que é morta a Primavera.

III.

Morrem as estações, morrem os tempos !
Morrem os dias, como as noites morrem :

Tambem acaba o homem —

E o Anjo do exterminio, desdenhoso,
Encara estultas pompas, que distinguem
O servo do senhor, o rei dos povos ;
E fazendo correr-lhes pelas fronte
A rasoira da morte, traça o nivel,

Que cabe aos homens todos.

Tudo no mundo expira :

Só sobranceiro á lousa o Genio altivo
Nos vãos acompanha a eternidade !
Soberbo em seu poder persegue a morte,

E consegue vence-la
Mil victimas lhe arranca,
E da immortalidade nos altares
As mostra coroadas.
Em vão do manto esqualido
A barbara saçode o voraz verme
No cadaver do sabio ;
Em vão as frias cinzas lhe arremessa
Nos abysmos do olvido ;
Lá desce o Genio intrepido,
E, ao lume da lanterna da memoria,
Ajunta as cinzas, sopra o fogo sancto
Da sancta poesia,
O sabio resuscita e pasma o mundo !

IV.

Belleza, doce engano,
Mimo, que o tempo deu, que o tempo acaba ;
Encantadora nuvem, mas ephemera,
Que da côr do pudor n'os céus vagueia,
Qual suspiro de amor que aos céus se eleva ;
Beijada pelo sol, timida aurora,
Tambem fenecerás !... Trevas do tumulo
Aos lumes da existencia
Succederão funereas ;
Serão consocios teus mudo silencio,
Sombras, escuridão, vermas, e terra.
Lêstes, bellas ? Tremeis ? Magos encantos
Baceia a mão do tempo, arrasa a campa ;

Porém do Genio á voz—curva-se o tempo ;
Quebra o sepulchro a lage aos pés do Genio.
Não !... de todo não morre uma belleza
De um Genio idolatrada ;
Que a luz brilhante, que lhe anima os carnes,
O lusente phanal, que o illumina
Nas borrascas da vida,
Jamais, jamais se apaga.

V.

Cidades destruídas,
Imperios derrocados,
Oh ! quantas, quantas vezes
O Genio, qual brandão, vos esclarece
As pallidas ruinas,
Lê n'ellas vossa gloria, e vos confia
A's trombêtas da fama !...
Si foge a tempestade
Si as estações revivem,
Si as noites reproduzem novos dias,
E os dias novas noites,
Servos obedecendo, a voz do Eterno,
Mensageiro do eterno o Genio exerce
Igual poder na terra !... A Natureza,
No meio das porcellas,
Si a voz lhe escuta, abandonando as furias,
Dissipando de um sôpro atros horrores,
Surge risonha, como, á voz divina,
Sahiu do Cahos informe, — encantadora,

Toda nua, trazendo por adornos
Nos seios o Verão, nas mãos o Outono :
Nos cabellos prendendo á primavera,
Por chapim de cristal calçando o Inverno.
Do Genio ouvindo o canto,
Remoção-sé as edades ,
Os mortos dos sepulchros se levantão,
E vivem nova vida
Dos homens na memoria.

VI.

O' Anjo das ruinas,
Vôa ao teu reino , que é tarefa inutil
Extinguir o que é bello no universo,
Em quanto o lume sancto
D'inspiração celeste
Mentes illuminar predestinadas.
Aos sons miraculosos
-D'harpa do Genio resurgindo ovantes
O saber, a virtude,
Meigos encantos de gentil belleza,
Hão de zombar de ti—quebrar-te o solio,
Calcar-te aos pés a fronte.

VII.

Como o gemer de vaga, que se quebra
No sopé do rochedo ;

Como rebombo de trovão, que rola
Pelos longes do espaço,
Ou echo de clarim perdido em ermos,
Do Genio a voz echôa no infinito,
E, por ella acordada,
O semblante solemne
Ergue para sauda-lo a Eternidade.
Lá sôa o bronze, solfejando a nota
Da alprecata da morte sobre as campas.
O sol está no occaso ! ! !
O Genio ancioso espera
O signal de seu vôo ao ser Supremo.
Vede-lhe o pensamento : — é uma lyra,
Donde os dedos da Fé extrahem dextros
Melifluos sons divinos —
São os salmos do Genio agonisante :
E a ultima das notas é sua alma,
Que se perde no céu ! — De lá ó morte,
Surrindo a teu poder te desafia
Pelo raio divino armada a dextra,
Dos céos abraquelado ;
Em quanto cá na terra,
Sarcasmo ao teu poder, seu nome trôa,
Como um brado de gloria, enchendo o mundo.

NO ALBUM D'UMA SENHORA.

Meu nome aqui deixára solitario
Escrepto n'essa côr
Com que desde nascido as phaxas d'alma
Tingiu-me o dissabor ;

Meu nome aqui deixára solitario
Em traço negro incerto ,
Qual frizo do buril da desventura
Em claro plano aberto ;

A não temer que alguém, que não soubesse
O que este nome diz,
Ao vel-o neste livro me insultasse
Chamando-me feliz.

Saiba, pois, quem o ler, que de uma Virgem
No livro afortunado
Seu nome escuro, como seu destino,
Escreve um desgraçado !

Sobre elle verta a Virgem uma lagrima
Do seu pranto celeste,
Que talvez se desbotem os negrumes
Do lucto que o reveste.

Sim, ó Virgem, do pranto de teus olhos,
Concede, sim, concede
Uma lagrima triste ao pobre nome
Que lagrimas só pede !

De teus olhos quizera uma centelha
Um peito de volcão ;
Ao contrario, porém, só pede pranto
Um morto coração !

O sol illumina, a galla offende
Ao solo mortuario :
Só sobresaem os crystaes do pranto
Dos mortos no sudario.

Eia, pois, cahir deixa neste nome
O teu pranto celeste ;
Que talvez se desbotem os negrumes
Do lucto que o reveste.



ESTRAGOS DE AMOR.

•



I.

Miseraveis insensatos,
Escravos da formosura ,
Curvados a seu aceno ,
Buscaes vida no veneno
Que vos leva á sepultura !

II.

Nos seus braços reclinados,
Beijando em ternos carinhos
Divinas faces mimosas,
Libaes o nectar das rosas
Sem reparar nos capinhos !

III.

« Oh ! loucos, vêde a verdade ?
« Conhecei essa illusão,
« Porque viveis seduzidos ?
Embalde contra os sentidos
Afflicta brada a razão !...

IV.

Nada alcança ; tudo cede
Ao amoroso desmaio —
Lumiando o par gentil,
Brilha amor como um fuzil,
Mas ao fuzil segue o raio.

V.

Lá do monte da esperança
Cresta o fogo as verdes fraldas ;
E de quanto possuía,
Só conserva a fantasia
Sêccas, dispersas grinaldas.

VI.

Suspeitas, tirannas serpes,
N'os peitos cravando os dentes,
Com seu sangue se alimentam :
Das chagas chammas rebentam,
Das chammas novas serpentes.

VII.

Em furor, e desespero
Começa o triste a chorar,
Vendo a estrada que seguiu ;
Morde o laço em que cahiu,
Mas não póde-o desatar !...

VIII.

A razão para vingar-se,
Mais augmenta o seu flagicio ,
Com semblante inexoravel,
Muda, surda, imperturbavel
Assistindo ao sacrificio.

IX.

Tudo é dor, tudo agonia,
E queixumes contra o fado ;
Suspiros, e pranto ardente ,
Desespêro no presente ,
Saudades pelo passado !..

X.

Té que vae desabrochando,
Pelo pranto d'afflicção
Regada continuamente —
Do desengano a semente
Nas cinzas do coração.

XI.

Ergue a planta a fronte altiva,
Mas de tristonha apparencia :
Folhas, tronco é toda lucto,
Tem mirrado, raro fructo :
Esse fructo — é exp'riencia. —

XII.

Das ruínas levantado,
Vê-se o espirito surgir ;
Vem com passo fatigado,
Como guerreiro cançado
A' sua sombra dormir.

XIII.

Presto accorda, e então, cedendo
Da fome aos crueis assomos,
Alguns ramos segurando,
Vae colhendo, é vae tragando
Os amargos negros pomos.

XIV.

Comeu, ergueu-se, é já outro !
Foi-se do rosto a meiguice !
Do tronco um ramo quebrado
Serve ao triste de cajado —
Eis a imagem da velhice.

XV

Está tudo terminado !
Está completa a sentença !
Aos fogos succedem gelos,
Que annunciação nos cabellos
A idade da indifferença !

XVI.

Lá vae o velho mesquinho,
Lá vae, desacompanhado,
O caminho da existência,
Nutrido pela exp'riencia,
Ao desengano arrimado.

XVII.

Só seus pés tocão na terra,
Os olhos do ceo na luz,
Entregue á culto profundo,
Lá vae fugindo do mundo,
Cair nos braços da Cruz.

XVIII.

Lá expira... mas dizei-lhe —
Amor ! Vereis n'um transporte
Como seus olhos scintillão ;
Como à um tempo se anniquillão
Todas as forças da morte ! !....

XIV:

E' que amor inexoravel
Nos seus planos iracundos,
Si os mortaes torna captivos,
Nem minora o mal dos vivos,
Nem respeita os moribundos.

XX.

Restaura as forças da vida,
Não nos consente morrer ;
Porque lá nas sepulturas
Seus tormentos e torturas
Não se pode padecer. /

XXI.

Envenenados farpões
Nos manda em suspiros ternos ;
Cinge aos olhos mago véo,
E pelos jardins do Céu
Nos encaminha ao inferno.

XXII.

Fugi, humanos !... fugi
De seu veneno traídor !
Sem culto, desamparados
Sumão-se, ao tempo votados,
Altars, templos de Amor....



A MINHA RESOLUÇÃO.



O que fazes, ó minh'alma ?
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle que tanto adoras,
Te despresa, como ingrato,
Coração, sê mais sensato ;
Busca outro coração !

Corre o ribeiro suaye
Pela terra brandamente,
Se o plano condescendente
D'elle se deixa regar ;
Mas, si encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vae correr n'outro lugar.

Segue o exemplo das aguas,
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?

Porque palpitas em vão ?
Se aquelle, que tanto adoras,
Te despresa, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Nasce a planta, a planta cresce,
Vae contente vegetando,
Só por onde vae achando
Terra propria à seu viver ;
Mas se acaso a terra esteril
A's raizes lhe é veneno,
Ella vae n'outro terreno
As raizes esconder,

Segue o exemplo da planta,
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle, que tanto adoras,
Te despresa, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Saiba a ingrata que punir
Tambem sei tamanho agravo :
Si me trata como escravo,
Mostrarei que sou senhor ;
Como as aguas, como a planta,

Fugirei d'essa homicida ;
Quero dar à um'alma fida
Minha vida e meu amor.



A LINGUAGEM DOS TRISTES.



Si houver um ente, que sorvido tenha
Gôta a gôta o veneno da amargura ;
Que nem nos horisontes da esperança
Veja raiar-lhe um dia de ventura ;

Si houver um ente, que dos homens certo,
N'elles espere certa a falsidade ;
Que veja um laço vil n'um rir de amores,
Uma traição nos mimos da amisade ;

Si houver um ente, que votado ás dores,
Todo com a tristesa desposado,
De crueis desenganos só nutrido,
Somente males esperar do fado ;

Que venha acompanhar-me na agonia,
Q'esta min'alma, sem cessar, traspassa !
Venha, q'ha muito lucto, a ver se encontro
Quem sinta, como eu, tanta desgraça!

Venha sim ; que talvez por nosso trato
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possão fallar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Por lei inexoravel do destino,
Quem gemer a desgraça condemnado,
Inda lidando no lidar do mundo,
Hade viver do mundo desterrado.

E em que desterro !... Os outros só nos tirão
Os olhos do lugar do nascimento ;
A desgraça, porém, do mundo inteiro
Desterra o coração e o pensamento.

Ao menos a linguagem d'este exílio
Mais supportavel torne a vida crua ;
Tenha ao menos a terra da desgraça
Uma linguagem propriamente sua.

E quem tel-a melhor ? Por mais que falle
O seductor praser em phrase ardente ;
Por mais que se perfume e se floreie,
Nunca é, como a dor, tão eloquente.

Nos phenomenos d'alma o corpo sempre
Do seu modo de obrar diversifica ;
Pelas quebras da organica fraqueza
A força esp'ritual se multiplica.

Quando livre, o esp'rito aos céos remonta,
Da Eternidade demandando o norte,
Toda força priméva recobrando —
Tomba a materia, e cae nas mãos da morte !

Quando o gaz do prazer dilata o seio,
A força do sentir dormente acalma ;
Quando a prensa da dor o seio aperta,
A força do sentir se expande n'alma.

Assim novas palavras, novas phrases
Nova linguagem pede o soffrimento ;
Porque dobra o sentir, e duplas azas
P'ra vòos duplos colhe o pensamento ;

Não, não póde em seus termos quasi inertes,
Esse fallar commum de cada dia,
D'este duplo sentir, d'idéas duplas
Exprimir fielmente a valentia.

Engãis-vos, ditosos ! Vossas fallas,
Annos que fallem, nunca dizem tanto,
Quanto n'um só momento dizer póde
Um suspiro, um soluço, um ai, um pranto.

Eia, pois, tristes ! eia !... desde agora
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possão fallar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Veja o mundo, de gosos egoista,
Q'os tristes nada tem de suas lavras :
Que orgulhosos na patria da desdita,
Nem dos ditosos querem as palávras.



AOS ANNOS

DO MEU PRESADO AMIGO

JOSÉ PEDREIRA FRANÇA.



Um dia natalicio em quantas faces
Se póde desenhar !
Que scenas de prazer e de pesares
Nos póde retratar !

Anel d'oiro, ou de ferro, anel q'estala,
Na cadeia da vida ;
Marco de legoa pela morte ganha,
E para nós perdida.

Origem de uma fonte que começa
Onde outra terminou ;
Berço de um tempo, mas também sepulchro
De um tempo que passou !

Porém porque razão sempre festivo
Se mostra o rosto seu ? —
Porque o anno que nasce, esquecer deixa
O anno que morreu :

Porque enquanto na estrada da existencia
A humanidade avança,
Deixa sempre olvidar os desenganos
Co'os olhos na esperanza.

Mas o tempo que corre desta sorte
P'ra todos os humanos,
Oh ! Pedreira feliz ! — mudou de aspecto
No curso de teus annos.

O tempo, que se passa inertemente,
Tem vida transitoria ;
Mas o tempo contado por virtudes
Tem sempre eterna gloria.

Não serão pois cobertos os teus annos
Do olvido pelo véo :
Quando morrão na mente dos ingratos,
Com Deos serão no Céu.

Não tens aureos brazões por habil dextra
Com arte burilados ;
Não cinges toga illustre, nem tens nome
No rol dos purpurados ;

Porém, sem as virtudes q' em tu'alma
Existem engastadas,
São titulos, brazões, fama, riquezas
Miserias enfeitadas.

São flores sem aroma, e cujo viço
Ephemero não dura ;
Phosphoricos phanaes que a sorte acende
E apaga a sepultura.

Que sempre encares com igual semblante
O Céu — e o Céu propicio
Não deixe a menor nuvem de desgosto
Turvar teu natalicio —

Taes são os votos meus, nunca inspirados
Por vil adulação ;
Quando minh'alma os escreveu, a penna
Molhou no coração.

Taes são os votos meus na voz expressos,
De frouxa poesia,
Que verte a lyra pouco acostumada
Aos hymnos d'alegria ;

Filha de um estro fraco e perseguido
Por fado sem piedade,
Vagando peregrino em terra estranha
Nos êrmos da saudade.

II.

Mais inda que a sorte
Um estro me desse,
Que aos astros pudesse
Teu nome elevar ;
Em quanto vir triste
Com dores pungentes
A patria em correntes,
Não posso cantar.

Não posso cantar,
Emquanto vir bravos
Rojar como escravos
Infame grilhão ;
Curvando a sicarios
A fronte sublime !
Submissos, sem crime,
Pedindo perdão !

Não posso cantar,
Emquanto um malvado
Poder infamado,
Audaz, sem pudor,
Com seu bafo infecta
Brasilio horizonte
Trazendo na fronte
— Prevaricador — ;

Emquanto essa gente,
Tão implia e tão vil,
Meu claro Brazil
Podér governar ;
Co'a patria inundada
De luto e de pranto,
Não posso ter canto,
Não posso cantar.

Porem, si algum dia
O fero dominio
Do impio exterminio
Tiver de morrer ;
Si o povo, esquecido
De loucos enganoso,
Um dia os tirannos
Quizer abater ;

Si um dia, cançada
De tanta maldade,
Soltar Liberdade
Seus raios da mão ,
E os sceptros pesados
Dos reis fementidos,
Por elles fundidos,
Rolarem no chão ;

E as nossas campinas
E prados virentes,

E os céos, de contentes,
Trajados de azul,
Ouvirem os hymnos
Da livre cohorte
Da parte do Norte,
Da parte do Sul;

E os grandes Andradas,
Canecas, Machados,
E mais nomeados
Por alto valor,
De lá do Empyreo
Taes cantos ouvindo,
Saudarem, se rindo,
Seu povo senhor ;

Então minha lyra,
Coberta de flores,
Já livre louvores
Podendo entoar,
Aos doces encantos
Da quadra formosa
Virá sonora
Teus annos cantar.



EPICEDIO À MORTE

DO DOUTOR

José de Assis Alves Branco Muniz Barreto,

e offerecido ao Illm. Sr.

Dr. LUIZ MARIA A. F. MUNIZ BARRETO.



I.

Morreu, enfim, morreu ! Aquelle Genio
Para quem pareceu pequeno o mundo,
Por milagre da Morte limitou-se
A' um pedaço de terra ! Ali com elle
Ricos thesouros de um futuro immenso ,
De mil triumphos avultadas palmas,
De gloria mil corôas , tudo encerra
Aquelle estreito chão no seio estreito !
São um mysterio as dimensões de um tum'lo !!

II.

Morreu ! Aquella magica trombeta
Que das leis em-defesa trovejando,
Fez tremer e tingiu da côr do medo
De protervos mandões soberbas fronte,
Jaz por terra calada ! Aquella boca
Que em turbilhões sonoros de eloquencia
Raios vibrava, gelida mordação
Para sempre fechou ! O caudal rio
Que no curso afanoso promettia
Tanta fertilidade ao patrio solo,
Secca total sorveu ! Porque, ó Patria,
Não pôde o pranto teu de novo encher-o ?
Porque não pôde fervido cahindo
Sobre a fatal mordação derretel-a,
E de novo accordar da tuba as vozes ?
As entranhas da morte são de pedra ;
Coração jámais teve a hydra ímpia ;
Carnes humanas come, bebe lagrimas ;
Só respira suspiros dolorosos
E ais agonisantes : commovel-a
Não pôde a tua dôr, afflicta Patria !
Has de vel-a dormindo aos echos della,
E o monstro rir-se de prazer cruento
Ao vêr o pranto teu banhar-lhe o sólio.
Mas não te desesperes, Mãe querida,
Ha nos cofres da dôr certos segredos
Que os miseros só sabem. São amigos,

Amigos bem fleis da magoa os filhos :
Um gemido consola outro gemido,
Uma lagrima outra. Desde o berço
Para eterno chorar n'alma cavou-me
Da desgraça o punhal fontes de pranto,
Que de Assis pela morte transbordarão.
Patria ! seremos socios na amargura.
Baga com baga juntas, nossas lagrimas —
Crystalina torrente de saudades —
Unidas regarão do Heróe a campa.

III.

Fatal presentimento deste golpe
Tres vezes tive ; adivinhei tres vezes
Do sabio moço a prematura morte !

IV.

Eu o vi inda imberbe n'um combate
Desses em que são almas — combatentes,
E a intelligencia — espada : os sacros fóros
Da sciencia da vida deffendia,
Dando vida á sciencia. Extasiado,
Qual uma ave rasteira que contempla
Condor gigante, que nos vôos roça
No semblante do sol soberbas azas,
Bebi-lhe os rasgos da atrevida mente,
E concentrado em mim, disse commigo : —
Não póde viver muito !

V.

Correm tempos :

Para o campo da imprensa denodado —
Se arroja o lidador. D'enthusiasmo
Acceso e de prazer, banhei minh'alma
Na luz dos seus escriptos. Cada linha
Que delles lia attento me mostrava.
Uma estrada de gloria ao novo Genio !
Cada palavra sua era uma pégada
Do progresso a correr, e cada syllaba
De patriotismo ardente uma sentelha
Que do saber ao sopro scintillava.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven :
E concentrado, disse commigo : —
Não póde viver muito !

VI.

Na Tribuna,

Promettendo um Demosthenes futuro,
O joven apparece ; e vi o povo
Immenso, pastmo, immovel, todo ouvidos
A' ve-lo combater, e Paladinos
Formidaveis cahindo aos golpes d'elle !
Vi sobr'elle lançando olhares torvos,
Tremulos d'ira, os Amicos ralarem-se,
Quando um sarcasmo seu rapido e fino,
Voando n'um motejo improvisado
Do leve sulco de um sorriso ironico

Nos corações de orgulho entumecidos
Lhes mastigava as fibras da vaidade.
Vi, e vi muitas vezes, confundidos
Ante o moço orador os Mandatarlos
Do despotismo, quando pretendião
Seus golpes rebater, presas as linguas,
Desparatado o curso das idéas,
Perderem-se de todo, e dar-lhe humildes
O vergonhoso culto do silencio.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven !
E concentrando em mim, disse commigo : —
Não pôde viver muito !

VII.

Um *quê* bem certo
Para tanto dizer razão me dava.
Todo o sublime para o Céu deriva :
Era muito pequeno um craneo humano
Para tal pensamento. De seus vãos
Ao forte embate, as molas da materia
Estalão cedo, quando o genio é grande.

VII.

A fatál prophécia está completa !
O prisma que tres faces tão brilhantes
Ao sol do novo mundo apresentava,
Despedaçado está, ou reflectindo
Cores da eternidade á luz das campas !

IX.

Morreu l... porém na hora derradeira,
Inda resplandeceu ! O homem justo
Entre as vascas do eterno passamento,
Em ancias e fadigas se attribula,
Mas no momento de deixar a terra,
Para voar a Deos forças recobra,
E como astro da fé no céu da morte,
Qual em vida luziu, luzindo acaba.
E' como a luz que triste bruxolêa
Prestes a se apagar, mas no lampejo
Da convulsão final aviva o lume,
E com dobrado resplendor expira.
E' como o sol no occaso enlanguecido,
Que desmaiado arqueja agonisante
Do mar nas ondas apagando os raios,
Mas que activo e zeloso de seus fóros,
P'ra morrer como o sol, antes que morra
Com duplicada luz alaga o mundo.
Assis assim morreu. Na ancia extrema
Da mortal agonia, toda inteira
Su'alma concentrada n'um só ponto
Para da carne disparar seu vôo
Luz celeste expandiu ; ao clarão della
O mundo appareceu-lhe como um doudo
Enfeitado, brincando co'as alfaias ;
Sorriu-se, despresou-o, e sen desprezo
Todo se traduziu nessa sentença,

Com que sabio fechou, morrendo sabio,
O livro d'ouro da existencia sua.

X.

O amor paternal, da esposa o pranto
Tambem dos olhos pranto lhe arrancarão...
Mas nunca tocar pôde o desespero,
De leve nem se quer, naquelle pelto
Ungido em fé christã. Da Providencia
Viu as mãos postas sobre as fronte de ambos—
E creu e resignou-se.

XI.

Esses fantasmas,
Tristes, negros, medonhos, vaporosos,
Que na hora final o impio cercão,
Soffregos, como abutres esfaimados
Farejando-lhe o leito, o leito d'elle
Nem ousarão fitar ; visões celestes
Nas madornas da morte o embalavão.

XII.

Quebradas as cadêas que a prendião,
Livre, das penas sacudiu o barro,
E em leve adejo penetrou sua alma
As aurcas portas da cidade eterna

Entre applausos risonha ; e o seu archanjo,
Ao dar conta ao Senhor da missão alta
De o guardar sobre a terra, as niveas azas
Mostrou tão limpas, quaes do céo trouxera.

XIII.

Chora, ó patria, lamenta a infausta perda ;
Mas consola-te ao menos com lembrar-te
Que teu filho desceu sem mancha ao tumulo.
Morreu !... mas grande foi. Da liberdade
Filho amante nasceu ; della soldado
Morreu firme em seu posto. Da sciencia
Candidato fiel, morreu philosopho.
Era uma planta de primor nascida
Em campo esteril, pedregoso e immundo ;
Mas tão cheia de vida, q'inda nova
E em terreno tão máu, brotava aos centos
Do tronco verde vigorosos ramos ;
Ramos cobertos de formosas flôres,
E curvados de fructos. Encantado,
De a ver assim tão bella, o Rei Celeste,
Antes que envenenada percesse
No sólo ingrato, transplantou-a em breve
Para os pomares seus.

XIV.

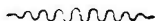
Patria, teu chôro,
Merecem mais, que o morto, os filhos vivos.

Ai ! tristes dessas plantas que ficarão
No campo esteril, pedregoso e ~~hum~~ mundo !
Pela má região contaminados,
Raça denegerada os dias contão
Por ampolhetas grávidas de crimes.
Começa a punição. Esse do Egypto
Anjo exterminador está comnosco ;
Cada dia, um a um, nos vai ceifando
Da liberdade os filhos primogenitos.
Assim a espada da justiça eterna
Invisível nos fere, inopinada.
Assim os tectos da cidade impia,
Do Senhor pela ira arremessado,
Sem fuzil nem trovão, mudo, imprevisto,
O raio punidor fulmina e abate.



SOBRE O TUMULO

DO MARECHAL PEDRO LABATUT.



I.

Eis as scenas do mundo ! A mesma liça
Que o viu pela victoria laureado,
Donde nos brados dos canhões accêsos
Da gloria aos penetraes mandou seu nome,
Veio, (Grandes ouvi !) pedir, mendigo,
Uma esmola de terra !!

II.

E quem o fez mendigo, sepultura
Estrangeira buscar ? ! Não cerra França
Aos mortos filhos seus braços maternos !
Mas não é outra a patria do soldado
Que o campo do triumpho, e esta terra
Barateou seu sangue p'ra compra-la.

III.

Foi elle neste campo o mestre e o guia
De uma raça de heroes em cujas veias
Fervia com o sangue o amor da Patria !
Aqui, por sobre as fronte inlmigas
 Passando como um raio
Que ao mesmo tempo espalha luz e morte,
 Os servos fulminando,
Sua espada de bravo a um bravo povo
O oriente mostron da liberdade.
 Aqui viu esse povo
Decedido no empenho de ganha-la,
Como um leão bramindo engolir chammas,
E vomitar na fronte do tyranno
 Que tentava enfreal-o !
 Aqui o viu c'roado
 De civicas verbenas
 Com as cadeias fundidas
 No fogo do combate
O craneo esmigalhar do despotismo :
E a orda escrava que servia o monstro
Fugitiva a correr, lançar-se ás ondas,
Ou cair tropeçando nas espadas.
Sentado em sua tenda de guerreiro
Aqui nos braços recebeu do amigo
 Os parabens alegres
Que rindo repartiu com seus soldados,
E descansou, dormindo aos sons festivos

Dos hynnos marciaes, que aos Céos levavão
Entre vivas seu nome. Aqui... Não sinzas
Aqui, perante os netos generosos
Que gratos hoje vem dar-vos seus cultos,
Da traição dos avós não fallaremos.
Do christão sobre a campa a caridade
Com letras immortaes perdão escreve : —
Perdão para os ingratos !!!

IV.

Neste campo

Em que se lhe marcou n'um ponto mixto
Seu occaso e nascente, ressumio-se
A sua vida inteira. Mais que a França
Foste-lhe Pirajá : a França apenas
Deu-lhe a luz da existencia, e tu lhe déste
A immortalidade !

V.

E sempre grato

Te foi o teu heroe. Nas densas trevas
Da immensa eternidade a porta incerta
Da morte tateando, não perdia
De vista o Pirajá. « Amados Campos
« Do meu melhor passado : » soluçando
Com voz fraca exclamou, « solo onde as palmas
« Colhi, que tão sedento cubiçava
« Nos meos sonhos de gloria, lá deixei-vos

« A minha alma plantada ! Ah ! quem me dera,
Quando ella se partir, que mão amiga

« Lá plante o meu cadaver ! »

Felizmente esta prece foi gravada
N'um coração de ouro. Quem é elle ?
Quereis dizer seu nome ? — nomeai-o,
Mil tit'los lhe juntai : quanto ao poeta
Basta chamal-o — amigo.

VI.

Saptisfez-se

A vontade final do moribundo.
Dormir veio o soldado o somno eterno
A' sombra de seus louros.

VII.

Eis aqui Labatut. Aguiar, Siqueira,
Jacome, abraçai vosso irmão d'armas !
Eis vosso General !! Mortos soldados
Que sem campas errais, das audrajosas
Fardas que vos serviram de mortalha
A terra sacudi ! vinde postar-vos
Aqui em continencia ante seus manes !
Veteranos da nossa independencia !
Braços cortados do possante corpo
Que o throno levantou da liberdade,
Vinde, vinde, verter sobre esta pedra
Uma lagrima, vinde ! Enfeita o pranto

Um semblante tostado nos combates,
Quando é vertido assim.

Povo, si és grato,
Só te não saptisfaças com trazel-o,
Dentro em teu coração leva este tumulo.



ADEUS AO MUNDO.



I.

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso nebuloso, e sempre nocte,
Chamado — Eternidade !
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora !!
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são recedentes os aromas
Que se exhalam das flores ! Que Harmonia
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No sussurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos !

II.

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites ;
Quando contava durar mais que um prado,
Mais que o mar, que á cascata erguer meu canto,
E murmurar-o n'um jardim de amores ;
Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :
Cedo de vermes rojarei ludibrió,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A' rir-se passarão sobre meus ossos !
Não importa : não é perder o mundo,
O que me azeda os pallidos instantes,
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr é morrer longe da patria,
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro !

III.

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada, que lhes deixar, que lhes dicesse
O que erão elles dentro de minli'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade ;
Ao meu jardim domestico levei-as,

Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei ali os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontado á plantação) « em flores
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
« Esteril não será. » Ondas de pranto
Affogarão-me a voz : houve silencio ;
Palpei de novo o chão ; vi que de novo
Cavado estava ! A terra se affundára
E as sementes nadarão sobre lagrimas,
Que minha mãe e minha irmã chorarão !...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade,
E o coração?... deixei-o n'um abraço.

IV.

Certo estou de que a planta já crescida
Terá brotado flor. Si ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus sanctificada !...
Si uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulchro !...
E' tão pouco, meu Deus ! !... Eu não vos peço
Soberbo mausuléo, estatua augusta

De tumulto de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos
Qui peça á todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto suplico.

V.

A morte é dura,
Porem longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo extranho ;
Que vigalias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adoçam
O tedio dos remedios, nem um seio,
Uu seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
N'esse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto ; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amisade
N'um aperto de dôr prende-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar pode
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finar !... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido ! Os céus o querem,
Os Céus são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me á teu bordo !.. Adeus ó mundo !

VI.

Já sinto da geada dos sepulchros
O pavoroso frio enregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esquelêto em pé vejo em acenar-me...

Entremos. Deve haver n'estes logares
Mudança grave na mundana sorte :
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!...
Adeus terra, adeus mares, adeus ceus!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus. . . adeus. . . adeus!

Adeus, ó sol, que, amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus!...
Illumina-me agora a sepultura:—
Adeus, meu sol, adeus!

Floresinhas, que quando era menino,
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa:—
Adeus, flores, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada alígeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde:
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos!...
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceus!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus!.. adeus!.. adeus!



A MINHA VIDA.

AO MEU AMIGO E COLLEGA

A. J. RODRIGUES DA COSTA. *



I.

Este mundo é-me um deserto
Por onde um vulcão passou,
E gravada a minha historia
Em traços negros deixou.

São-lhes tectos bronzeados
Escuros medonhos céus,
Onde bramão tempestades
Em continuos escarcéos.

Só, por elle vai manh'alma,
Nos destroços tropeçando
Com passo tardio e incerto
Tristemente caminhando.

* A esta trova devem os meus leitores os seguintes versos do meu amigo, unica poesia verdadeira que ahí vai neste volume de prosa metrificada.

Marcha... marcha... enfim cansada
De tão longo caminhar.
N'alguma pedra que encontra
Descança e põe-se a chorar.

Olha o Ceu.. nem uma estrella!
Olha a terra... é negro chão !
Clama em brados por soccorro,
Só responde o furacão !

Nos olhos sécca-lhe o pranto....
Continúa a caminhar,
E n'outra pedra distante
Descança, e põe-se a chorar.

II.

E' triste o seu fadario ; mas ao menos
Oh balsamo do Ceu, piedosas lagrimas!
Dá infellz perigrina a dôr pungente
Um pouco mitigais.

E só me alento
Quando posso chorar : são meus prazeres
Um banquete de lagrimas ! Mil vezes
Alegre ter-me-hão visto entre os alegres,
Conversando, soltar ditos chistosos
A rir e fazer rir. Um drama a vida
Não é ? Porque julgar-se do semblante,
Do semblante, essa mascara de carne
Que homem recebeu para entrar no mundo

O que por dentro vai ? E' quasi sempre,
Si ha estio no rosto, inverno n'alma.

Confesso-me ante vós : ouvi, contentes !
O meu riso é fingido ; sim, mil vezes
Com elle afógo os echos de um gemido
Qu'imprevisto me chega á flôr dos labios ;
Mil vezes sobre as cordas afinadas
Que tanjo, o canto meu acompanhando,
Cahe pranto. Oh! prasa ao Ceu qu'inda o não visseis!

Eu me fingo ante vós, que o fingimento
E' no lar do prazer prudencia ao triste.
Louco fóra por certo o que cantasse
D'exequias hymno em bôdas ; ou de noiva,
Qu'em transportes de amor o esposo abraça,
Crépe de viuvez lançasse ao thálamo.
Eu me finjo ante vós, porque venero
O sublime das lagrimas ; conheço-as :
São modestas Vestaes, vivem no ermo,
Aporrecem festins ; olhos que o fogo
Do banquete accendeu, lhes são odiosos:
Descidas lá do céu, Virgens do Empyrio,
Tem vestes de chystal, temem manchal-as.
Bem fechadas nos claustros de meus olhos,
Dentro em meu coração hei de escondel-as,
Guardal-as bem de vós, contentes : hei-de,
Porque a dôr me não traia n'este empenho,

• Zelosa e vigilante sentinella,
Em meus labios trazer constante um riso.

III.

Hei de fingir-me ante vós,
Porque sei que o desgraçado,
Si a desgraça na occulta,
E' de todos desprezado ;

Que o feliz que gosa os fructos
Dos pomares da ventura,
Não conhece o gosto acerbo
Da peçonha da amargura ;

Que aos tristes consoladoras
Palavras nos labios seus,
São as palavras de Christo
Na boca dos Phariseus,

IV.

N'estes versos vos dou minha vida :
Minha vida, mortaes, é assim :
Ante os homens um riso mentido,
Longe d'elles um pranto sem fim.

E' veneno de arabico arôma
Entre fumo subtil disfarçado ;
E' cadaver de carnes despido,
Com vestidos de gala trajado.

E' sepulcro, onde, o escarneo da morte,
Mausoléo magestoso se arvora ;
Morte, trevas, e terra por dentro :
Vida, luzes e pompa por fóra.

N'estes versos vos dou minha vida,
Minha vida, mortaes, é assim :
Ante os homens um riso mentido ;
Longe d'elles um pranto sem fim.



O QUE SOU, E O QUE SEREI !

AO MEU AMIGO E COLLEGA

LAURINDO J. DA SILVA RABELLO.



I.

HOMENS, que vedes-me a passar sombrio
Pela estrada que vai da vida á morte !
Talvez buscaes saber meu *quê* de vida —
O que sou, que serei, qual é meu norte.

Caso occulto de amor — certo — suppondes,
Que um *môço* trovador é sempre amores :
Nem pode outro condão sobre seu peito,
Nem se acurva — tão cêdo — a outras dôres.

Julgais bem;—porem pouco...que em minha alma
Amor plantou—mais fundo—o seu feitiço :
Dai mais peso ao que eu sinto, homens, que trago
O viver, como vêdes, tão submisso !

Não cuideis que o penoso sentimento,
Que toda prende á amor minha existencia,

E' como esse sentir que todos sentem,
De um dia, sem ardor, sem vehemencia !

Tambem já assim amei, si amor se pode
Chamar essa illusão de namorado,
Mas hoje este sentir me é tão da vida,
Que, si elle me faltar, ver-me-heis finado.

II.

Indagais meu soffrer ? Buscai na terra
O ente mais formoso,
Aquelle que do Ceu for mais mimoso—
Que todo meu sentir n'elle se encerra.

Vendo-o, formai de mim vosso juizo ;
Si o encontrardes ledo,
Contai que descobristes o segredo
Do meu prazer... vereis—sou todo riso.

Mas, si, ao contrario, virdes o quebranto
Da tristeza em seu rosto,
Julgai-me logo a padecer exposto ;
Sabei logo o que sou... sou todo pranto.

Si o virdes pôr em mim seus olhos bellos
Seus labios me sorrindo,
E seu seio a ondular candido e lindo...—
O que eu sou—decifrai—sou todo anhelos.

Si uma palavra der-me, á similhaça
Das palavras do Ceu,
Do coração rasgai-me o tenue véu,
E abi lêde o que sou—sou todo esp'rança!

Contemplai a que amo.—Ora em languores
Quasi desfallecida ;
Ora toda expressão, incendio e vida —
E dir-me-heis, si heide, ou não, morrer da amores.

Homens ! Eis o que sou !—Dos trovadores
O que mais soffre e sente :
Por este coração, por esta mente
Sou todo inspirações, sou todo amores !

III.

Mas perguntais-me vós, porq'inda triste
Vou caminho da vida pensativo,
Depois de o ente achar, que unico deve
Por aureas sendas ao porvir levar-me ? !
Porque ? Porque inda resta-me a incerteza,
Essa inimiga certa da esperança,
Que se me antolha horrenda em meus transportes !

Di-lo-ei todavia, homens (embora
Traia o meu coração n'este segredo,
Que a mim só confiou) di-lo-ei—é força,
Pois o exigis, é força confessar-vo-lo—
O que serei, ouvi... é vaticinio

De um coração, a quem tornou propheta
A luz de uns olhos lá do Ceu descidos.

Serei Nume, ou demonio sobre a terra...
Todo ternura e amor, ou todo cholera...
Todo venturas, ou desgraças todo.

Ser minha, ou não—eis todo o meu futuro,
Para o qual duas paginas abertas
Em perfeito contraste ha n'esse livro
Immenso do porvir. E' uma d'ellas
Toda negra e de sangue salpicada :
A outra toda rósea, e matisada
De azul e verde, com relêvos de ouro !
D'estas paginas n'uma os nossos nomes,
O d'ella e o meu, por força hão-de gravar-se.

Ver-me-heis Demonio apascentando furias,
Precipitado a caminhar na terra,
Como quem busca o termo da existencia ;
Dos olhos a saltarem-se faiscas
De loucura e furor ; na dextra um ferro,
Nos labios um som unico—vingança !
E assim medonho, impenetravel, louco
Pisando por abrolhos sem sentil-os,
Insensível a tudo, aos proprios crimes ;
Querendo o mundo emfim todo de sangue !...
Si ella minha não fôr—serei Demonio.!

Ver-me-heis porém, um Nume de venturas,
Um prisma de affeições, candidas todas,
Um poeta de amor, sorrindo á terra,
Um ente só feliz olhando encantos ;
Ver-me-heis co'os olhos em seu rosto impressos,
Como os seus em minha alma impressos brilham ;
Ver-me-heis co'os labios em seus pés,—e ao mundo
Entretanto c'os pés calcando a frente !!
Si Eulina minha fôr !... Serei um Nume !!

IV.

Homens ! Eis meu provir :—dos trovadores
Ou o mais desgraçado !
Ou um Poeta magico, inspirado
Bebendo vida e luz n'um Ceu de amores.

Bahia 28 de Janeiro de 1853.

ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES DA COSTA.



AMOR E LAGRIMAS.

OFFERECIDA AO MEU COLLEGA E AMIGO

Manoel Bernardino Bolivar.



Si ainda fosse possível na`minha alma
Amanhecer um dia de ventura,
Corado por um beijo de donzella
Ao despontar d'auroa...

Si, Anjo de salvação mandado ao misero,
Sorrindo, pelo Ceu jurasse a bella
Fazer-me cada vez por novos beijos
Mais rubra a côr do dia...

Si fiel companheira em toda parte
Quizesse me seguir, presa conmigo,
Como um raio celeste prêso a um astro
A illuminar-lhe, o curso...

Si a visse, desdenhosa á mil thesouros,
Só por ter-me, deixal-os, e contente
A gabar-me o sabor do pão grosseiro
Que me alimenta a vida...

Não a créra ; e talvez que até julgasse
Tantas provas de amor atroz perfidia,
Si amor me não brilhasse nos seus olhos
No centro de uma lagrima.

Amor é fogo ; o coração que ama,
Todo nas suas chammas se evapora,
No rosto se condensa, e chega aos olhos
Em agua convertido.

Que é um riso ?—Um prazer. Prizão estreita
De duas almas ? — Sympathia apenas.
E o abraços e beijos ? — Muitas vezes
Sustento da lascivia.

Tudo isso diz amor ; mas quando ? —Quando,
Filho de um doce affecto que se apura
Nos cadinhos da dôr, é baptisado,
N'um baptismo de prantos.

É bello ver-se uns ollios scintillantes,
Accêzos em vulcões de fogo ignoto,
A dardejar faiscas invisíveis
Que os corações abrasam :

É bello vêr-se um rosto nacarado
No carmim do prazer : é bello vêr-se
Partir fino coral de rubros labios
Um *sim* d'alma sahido :

Mas em rostos assim amor não falla ;
E, se falla, as mais vezes diz mentiras ;
E este *sim*—que tomamos por verdade,
É escarneio do crente.

Quereis vel-o sincero ? Observai-o
N'açucena de um rosto desmaiado,
Entre os lirios de uns labios que roxêam
Suspiros de agonia :

N'uns olhos, cuja luz crepusculante,
Entre a neve das lagrimas, pareça
Reverbero da alampada mortiça
Do templo da saudade.

Ahi podeis lhe crer o que disser-vos,
Podeis seguil-o sem temer um crime ;
Que amor, si o pranto lhe borrifa as azas,
Seu vôo ao céu dirige.

A SAUDADE BRANCA.

COMPOSTA POR

ocasião da morte de minha irmã,

e offerecida ao meu intimo amigo e collega

Antonio Augusto de Mendonça Junior.



QUE tens, mimososa saudade ?
Assim branca quem te fez ?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flor ? Que pallidez !

Ah ! . . . já sei : n'um peito vario
Emblema foste de amor ;
O peito mudou de affecto,
E tu mudaste de côr,

Mas não ; so peito animado
Por constancia e lealdade,
Unida pode trazer-te
Comsigo, minha saudade.

Demais tu não mudas : seja
Qual for o destino teu,
Conservas sempre o aspecto
Que a Natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade ?
Assim branca quem te fez ?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flor ? ! Que pallidez !

Quem sabe si és flor, saudade ?...
Quem sabe ? Da sepultura
Amor nas pedras penetra
Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh ! meu Deus, não seja
Não seja esta idéa vã !)
Si em ti não foi transformada
A alma de minha irmã ? !

« Minh'alma é toda saudades ;
« De saudades morrerei » —
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei ;

E agora esta saudade
Tão triste e pallida!... assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim !...

A namorar-me os sentidos!...
A fascinar-me a razão !...
Julgo que sinto a voz d'ella
Fallar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta !
Aos meus labios, flor louçã!...
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos
Não te proíbe o pudor :
Sou teu irmão , não te manchão
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Si almas podem
Em flores se transformar,
Sendo almas encantadas ,
As flores podem fallar.

Mas não fallas ?... não respondes ?...
Oh crueis enganos meus !...
Saudade, porque me illudes ?
Minha irmã !... Meu Deus!... nreu Deus!...

Minha, irmã !... minha ventura
Esperança, encanto meu !
É teu irmão quem te chama !...
Responde !... falla !... Sou eu !

Dista muito o ceu da terra ?
Os anjos azas não tem ?
Desata um vôo, meu anjo !
Não tardes, meu anjo ! Vem !

Vem ! Ao menos um momento
Quero ver-te, irmã querida :
Embora, depois de ver-te,
Fique cego toda a vida.

Mas não vens ? Deus te não deicha
Vir ao mundo, meu amor ?
Só devo encontrar no pranto
Lenitivo á minha dôr ?

Ai ! minh'alma desfallece...
E o coração, que apressado
Com tanta força batia,
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes
Me vai ralando a agonia :
A tempestade de angustias,
Mudou-se em melancolia.

Que é isto ? ! Como tão negro
Ficou-me todo o horizonte !
Que suor me banha o rosto !
Que pezo sinto na fronte !

Ah meu Deus ! graças ! aos olhos
O pranto sinto chegar ;
Si a boca não falla, ao menos
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades ;
Uma de sangue ensopada
Pela mão do desespero
No seio d'alma plantada ;

Outra da melancolia
Toma o gesto, e veste a côr,
Exangue, pallida e fria,
Mas calada em sua dor. •

Perece que a natureza
Quiz provar esta verdade,
Quando diversa da roxa
Te creou, branca saudade.



Ao meu amigo e mestre

O SENHOR

FRANCISCO MUNIZ BARRETO.



I.

Dizer não posso o que és, o que é teu canto.

Que o diga o Sol da Pátria

Nos ceus aos astros, quando, derramando

A luz que n'elles bebe,

Os astros vê nadando em novos lumes!

Que o diga a Primavera

Nos prados e nos montes

Nos jardins, nas searas

Descuidada deixando cabir flores,

E aparando teus versos no regaço.

Que o diga, em noite estiva,

A Lua melancolica

Pallida—imovel—a chorar ternuras,

Ouvindo-te saudosa — innamorada

Uma canção de amores.

Que o digão essas brizas tão suaves
Que ao viajor cansado, em nossos bosques,
Refrigerão, deleitação, enfeitição,
Trazendo-lhe o aroma que desprendem
As flores bafejadas por teu estro.

Que o digão a escutar-te, quando altisono
Nos narras inspirado
Dos livres os triumphos, glória, e brios,
A liberdade rindo,
E o terror a tremer nas faces frias
Dos pallidos tyrannos.

Que o diga amor, e escreva
Nos tropheos que levanta,
Quando, tangendo as cordas
Da lyra de diamantes,
Rendidos corações arrastas presos
Nos grilhões de teu canto até seu solio.

Diga a mulher emfim, — não a que nutre
Nos olhares ardentes de volupia
A chamma impura das paixões nocivas;
Divindade fatal, de cujos templos
A razão a fugir ao crime entrega
As áras e o thuribulo ;—mas a virgem,
A virgem, que descer dos Ceus á terra
Por escada de flores viu o homem
No lindo sonho do domir primeiro :

O anjo que no exilio acompanhava
O primeiro proscripto, e, no pão negro,
Que lhe déra o peccado, transformou-lhe,
C'um beijo em mel de rosa o fel das lagrimas :
A estrella, que, depois de conduzir-nos
 Por mares delicias
Onde afogados de prazer morremos,
 A vida nos restaura,
E de luz divinal n'um raio amigo
Nos embebe no seio o amor paterno.
Sim, que o diga a mulher, mas a perfeita,
A completa mulher por Deus formada,
Norma d'aquelle cofre que devera,
Arca de salvação, guardal-o um dia,
E cuja copia trasladaste em versos !

II.

Eu não posso dizer o que é teu canto,
 Nem cantar-te lóuvores.
Si chamma etherea me accendesse o éstro...
Si no meu coração vingasse ao menos
 Uma flor de poesia...
Porém não vinga a flor sobre o rochedo,
Não medra a chamma, nem se nutre o raio
Nas cortadoras humidas montanhas
 De aglomerados gélos.

III.

Gratidão e amizade,
Que dentro em mim se batem n'este empenho,
Podem muito, Moniz, porém não podem
De um trovista, qual eu, fazer poeta,
Poetar como tu, para cantar-te !
Seja, pois, fraco e fido testemunho
De quando por ti sinto
Este desejo que te envio.

IV.

Amigo
Do riso e da afflicção me acarinhaste
Do esteril pensamento os pêccos fructos ;
Zeloso Mestre as trovas me lavaste
No limpido Jordão da clara mente ;
Amigo e Mestre deixa que te chame!
—Amigo, — porque o és — minha alma o sabe ;
—Mestre,—porque me pede o entusiasmo
Dizer-te como tal ; porque preciso,
Um nada como sou, do mundo ás portas
Com o merito teu cobrir meu nome.

Heide de, martyr de amor, morrer te amando.



GLOZA.

O faxo do Elesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Hero o somno traga,
Que dentro, de sua alma não se apaga,
O fogo com que o faxo se accendia.

Afflicta o seu Leandro ao mar pedia,
Que, abrandado por ella, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante n'uma vaga,
(Talvez vaga de amor, inda que fria.)

Ao vel-o pasma, e clama n'um transporte—
« Leandro !.. és morto ?!.. Que destino infando
« Te conduz aos meus braços desta sorte ? !! »

Morreste !... mas... (e ás ondas se arrojando
Assim termina, já sorvendo a morte)
« Heide martyr de amor, morrer te amando.



E' carpir, delirar, morrer por ella



GLOZA.

De uma ingrata em torphéo, despedaçado
Meu coração devora amor cruento,
Trocando em fero e barbaro tormento
Quantos prazeres concodeu-me o fado.

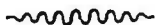
No seio d'alma, já dilacerado,
Negras furias do baratro apascento !
Filtra-me o delirante pensamento
De zelos negro fel envenenado.

Desprêso, ingratidão, fria esquivança
Da cruel por quem morro, em tal procella
Apagáráo-me a estrella da esperança.

E eu (ao confessional-o a dôr me gella)
Humilhado a seus pés, minha vingança
E' carpir, delirar, morrer por ella.

* Bocage.

SONETO.



Geme, geme mortal infortunado,
E' fado teu gener continuamente:
Perante as leis do Fado és delinquente,
Sempre tyranno algoz terás no Fado.

Mas para não ser mais invenenado
O fel que essa alma bebe, e o mal que sente,
Não te illuda o fallaz riso apparente
De um futuro de rosas coroad.

So males o presente te affiança:
Encrustado de vermes charco immundo
Se te volve o passado na lembrança.

Busca pois o da morte ermo profundo:
Despedaça a grimalda da esperanza:
Crava os olhos na campa, e deixa o mundo.



A' UMA SENHORA

POR OCCASIÃO

DE TOCAR UMAS VARIAÇÕES SOBRE

THEMAS DE BELINI.



Dos meus lares, dos meus que choro auzente,
Me viestes acordar saudade impla,
Tu, amada do Anjo d'Harmonia,
Que te fazes ouvir tão docemente.

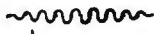
Do piano o teclado obediente
Ao teu tocar, encheu-se de magia,
E lá dos mortos na soidão sombria
Operou-se um milagre de repente.

A morte sobre a fouce, entristecida,
Amarguradas lagrimas verteu,
Talvez do fero officio arrependida !

Beline do sepulcro a pedra ergueu ;
E, cheio de alegria desmedida,
C'um sorriso de gloria um—bravo—deu.

A SRA. MARIETA LANDA

POR OCCASIÃO DE CANTAR NO THEATRO DE S. JOÃO.



Disseste a nota amena d'alegria,
E arrebatado então nesse momento
De um doce, divinal contentamento,
Eu senti que minh'alma aos ceos subia.

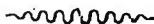
Disseste a nota da melancolla,
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nune, tu que desta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em successivo e rapido transporte ? !

Anjo ou nune não és ; mas, si te é dado
No canto dar a vida, ou dar a morte,
* *Tens nas mãos teu Porvir, teu bem, teu fado.*

* Francisco Muniz Aarretto,

A' MESMA SENHORA.



TÃO doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade ;
Como a brisa a voar na soledade
Branda, singela, limpida, e serena ;

Ora em notas de gozo, ora de pena,
Já cheia de solemne magestade,
Já languida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do teu canto no dom superno
A dadiua descubro mais subida
Que de um Deos pode dar o amor paterno

E minh'alma, n'um extase embebida,
Aos teus, labios deseja um canto eterno.
E só para gosar-o, eterna vida.

A' MESMA SENHORA.



Alcione, perdido o esposo amado,
Ao Ceu o esposo sem sessar pedia ;
Porém as ternas preces surdo ouvia
O ceu, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu d'alma arrancado
Tenta a pedra minar da campa fria ;
A morte de seu pranto escarnecia,
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah !—não fôra assim, si a voz tivera
Tão bella, tão gentil, tão doce e clara,
D'aquella que hoje n'este palco impera.

Si assim cantasse, o tumulo abalára
Do bem querido ; e, branda a morte fera,
Vivo o extinto esposo lhe entregar

A' BAHIA.



I.

Se o trovador, que out'ora,
Como filho querido, nos teus braços
Amorosa apertaste,
De ti merece ainda uma lembrança,
Patria, querida patria da minha alma,
Terreno abençoado onde, aos milhares,
Prantos que derramei brotarão risos,
Recbe neste canto um reverbero
Das chammas da amizade
Eterna que por ti arde em meu peito.

II.

Ao lindo sol da gloria, que teus campos
Liberal fertilisa,
Minha primeira luz não deve os raios,
Nem teus jardins me derão
Flôres com que adornasse o pobre berço;
Lá nas campinas tuas não medimos

Nem eu, nem socios meus, brincando alegres
Velocidade e forças
Na carreira e nas lutas exforçados ;
As mal pronunciadas
Preces minhas sumir-se no infinito
Não fônrão do teu céo, quando cansada
A Tarde no Occidente despe a purpura
Que o Nascente lhe deu, chamando-a—Aurora;
Nessa hora em que a briza da saudade,
Suspiro da saudosa Natureza,
Com brando movimento agita as folhas
Extremas do arvoredó, os passarinhos
Volvem aos ninhos apressados vôos,
E dubia luz, com trevas misturada,
Pouco a pouco se exvae entre as sinsentas
Montanhas vaporosas ; nessa hora
Em que todo o universo, extasiado
N'um culto involuntario,
Parece ver passar o Anjo do Tempo
Que vai, guarda da terra, a Deus dar conta
Dos trabalhos diurnos ; nessa hora
Em que a melancolia afaga os peitos,
Em que a alma se contrahe ouvindo a queda
Do pó que me de a vida,
E, transido de magoa, o campanario
Deixa cahir as lagrimas metalicas
No sepulchro do dia.
Amei onde nasci. Essa esperança
Tão doce e feiticeira

Que na idade viril desponta n'alma ;
Essa idéa de fogo onde releva
A mão da phantasia imagem de anjo
 Que nos seduz e arrasta
Tive-a no meu torrão. O mesmo astro
Que no berço me vio, vio meus amores.
O ameno Mon-Serrate a fresca Barra
O mystico Bom-fim não asilarão
Meus primeiros segredos de ternura.
Essa historia de enleos toda guardão
Amigas margens do meu patrio Rio,
Que até no curso rapido desenha
 A rapidez das ditas ,
Do gosos, do prazer que tive nella.

 O nascimento, a infancia
 Os primeiros amores
Não, não te devo a tí, terra querida ;
 Mas a divida immensa
Deste amor desvelado que me deste,
Sem temor de baixesa, me consente
 Chamar-te — minha patria.

III.

Quando, pela desgraça arremessado
No solo teu, sem nome, pobre, enfermo
Quasi a esmolar um pão busquei teus filhos,
Ellezos do desprezo que aos felizes
 A desgraça sugere,

Irmãos, não só amigos
Pais, não só protectores me abressarão.

As portas da sciencia,
Que a chave da indigencia me feixára ,
Tuas mãos generosas
Abrirão francas á meu livre ingresso ;
E avida almejavas ver-me o termo
Da difficil viagem,
Enchugar-me na frente illuminada
O suor da fadiga,
E a corôa de espinhos
Que sorte me sugiu tornar de louros.

IV.

O Berço do nascimento,
Ou em palacio opulento
Trajando a gala real,
Ou cama de palhas feita
Onde a escrava o filho deita
Enrolado no sendal;

O Céu que a primeira prece ,
De tarde ou quando amanhece ,
A' criança ouviu resar,
Quer puro, e ledô surrindo,
Que furioso bramindo,
Fuzilando a trovejar;

O lugar onde primeiro
O coração todo inteiro,
Amor dizendo, se abriu;
Prado florente e risonho
Ou valle escuro e medonho
Que sangue humano tingiu;

A patria, enfim, tem incantos
Tão seductores e tantos,
Que não se pode vencer !
E' uma vizão divina
Que a vida nos illumina,
E nos segue até morrer ;

Mas tambem o porto amigo
Onde nos braços comsigo
A amizade nos levou,
E d'alma, toda chagada,
As feridas, consternada
Uma por uma curou ;

Onde dextras apertamos,
Em que pasmados achamos
O calôr só natural
A' chama que o céu atéa,
Quando vea, sobre vea
Sente sangue paternal ;

Essa terra bemfazeja,
Inda que patria não seja,

Igual atractivo tem ;
E o estranho protegido
Pode, sendo agradecido,
Chamá-la patria tambem.
Lisonja, adulação alcunhe embora
O vulgo o puro amor que te consagro,
O culto que te rendo ;
Recebeste o meu pranto no teu seio,
Da fortuna engeitado perfilhastes-me,
Patria, teu filho sou, e assim te adoro.



INDICE.

Dedicatória	1
A quem ler	3
O que são meus versos.	5
O meu segredo	7
O genio e morte.	18
No album d'uma Senhora	25
Estragos de amor.	27
A minha resolução	33
A linguagem dos tristes.	36
Aos annos de meu presado amigo José Pedreira França	39
Epicedio á morte do Dr. José de Assis A. B. Moniz Barreto	45
Sobre o tumulo do Marechal Pedro Labatut	54
Adeos ao mundo.	62
A minha vida.	67
O que sou, e o que serei. de A. J. R. da C.	72
Amor e as lagrimas.	79
A saudade branca	83
Ao meu amigo F. Moniz Barreto.	89
Sonetos	94
A' Bahia.	97



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).